

**CEDI**

# Povos Indígenas **Fábrica de celulose causa mortandade no litoral do E. Santo**

Fonte: OESP

Data: 21.06.81

81

Do correspondente em  
**VITÓRIA**

O ecólogo do Instituto "Jones dos Santos Neves", Paulo de Mello, previu ontem em Vitória que, apesar das medidas adotadas pela Aracruz Celulose para reduzir os índices de poluição de uma unidade de clorato de sódio e outra de cloro-soda recentemente inauguradas pelo presidente Figueiredo, a 80 km da capital, "a tendência é agravar cada vez mais os problemas nessa área, que possui no estuário do rio Piraqueçu o maior manguezal do Estado, hoje praticamente estéril".

Depois de criticar a empresa por ter implantado as duas novas fábricas sem fazer qualquer consulta prévia ao Departamento de Ações Ambientais da Secretaria de Saúde. Limitando-se a comunicar a adoção de uma nova tecnologia com base em célula de membrana para atenuar os efeitos da poluição, Paulo de Mello afirmou que a Aracruz Celulose, "apesar de habitualmente dizer que não é uma fonte poluidora de graves riscos, recusou-se a patrocinar um estudo que ele e outros ecólogos da extinta Fema (Fundação Estadual do Meio Ambiente) pretendiam realizar no ano passado, para avaliar o impacto dos dejetos industriais sobre a fauna marinha.

"Se ela fosse realmente inocente como diz — acrescentou — não deveria ter receios quanto ao resultado desse estudo. De qualquer modo, conseguimos iniciá-lo, quase seis meses após a inauguração da fábrica, na forma de um projeto sobre a mortandade de ostras no estuário de Piraqueçu, mas inesperadamente o governo alegou falta de recursos para financiá-lo e tivemos que deixá-lo de lado."

Embora não tenha determinado com exatidão as causas do fenômeno, que ocorreu simultaneamente ao desaparecimento de peixes numa região até pouco tempo atrás altamente piscosa, Paulo de Mello acredita que os dejetos da fábrica, com grande concentração de organoclorados de efeitos tóxicos e cancerígenos, lançados por um emissário submarino a 600 metros do litoral e a 15 km da Foz do Piraqueçu, afetaram de forma irreversível a fauna local.

"Um projeto de grande porte como o da Aracruz Celulose — explicou que é sem dúvida um crime contra a natureza, se levarmos em conta que na Europa se proíbe a montagem de fábricas desse tipo com capacidade superior a 100 mil toneladas anuais — deveria ter sido acompanhado de uma monitoragem, para identificação dos seus efeitos sobre o ambiente e adoção das medidas necessárias para reduzi-los, já que é impossível eliminá-los. A determinação da concentração de substâncias tóxicas lançadas pela fábrica e sua diluição no mar é fundamental, devido ao seu possível acúmulo nos organismos marinhos que são consumidos pela

população, passando assim, através da cadeia trófica, ao homem. Contudo, a Aracruz Celulose, por intermédio de uma equipe de técnicos suecos que posteriormente emitiu um relatório suspeito, limitou-se a monitorar o ambiente durante apenas uma semana antes e uma semana depois da inauguração da fábrica, quando o prazo ideal para esse tipo de trabalho deve ser no mínimo, de seis meses".

Segundo ainda o ecólogo, essa monitoragem desprezou estudos importantes como o das correntes marinhas, no local de lançamentos dos dejetos pelo emissário submarino, cuja implantação requer cuidados e atenção às condições ambientais das áreas que lhe são adjacentes. "Considerando-se a dispersão dos poluentes pelas correntes marinhas de acordo com a predominância dos ventos durante o ano na região, a diluição desses poluentes quando do seu lançamento e durante a trajetória da corrente e, ainda, a sedimentação deles bem como seus efeitos sobre as comunidades marinhas, pode-se estabelecer um programa de controle para manter o equilíbrio do meio. No caso da Aracruz Celulose, não houve preocupação desse tipo."

Como afirmaram os pescadores José Timbada, Juarez Azeredo, Romildo Matos, Clóvis Silveira e Fernando de Deus Ramos, afetados na madrugada do dia 12 passado por um escapamento de cloro numa tubulação do emissário submarino que passa a menos de um quilômetro de Barra do Riacho, vila onde moram, "a fábrica está arrasando tudo".

— "Eram duas horas da manhã — contou Romildo —, quando senti, de repente, uma forte queimadura no peito. Estava indo para o rio pegar meu caíque e não liguei para a coisa, mas depois tudo começou de novo. Veio uma tosse, vomitei e perdi a respiração."

O inspetor da guarda da Portobrás, Deomedes Antonio Rizzo, informou que o acidente atingiu duramente os doqueiros e funcionários do porto particular da Aracruz Celulose. "Todo mundo ficou sentindo tontelas, vomitando e com o pulmão queimando até as 5 horas da manhã. Depois que a gente reclamou da empresa, ela pôs à nossa disposição um médico que nos deu um remédio e disse que não era nada. Mais tarde, fiquei sabendo que a causa do nosso mal-estar havia sido um vazamento de cloro."

O fato ficou durante muito tempo restrito ao conhecimento dos moradores de Barra do Riacho, porque funcionários da empresa foram advertidos para que nada comentassem com estranhos. Os efeitos da advertência ainda persistem sobre os moradores: Otalina Silveira, atendente do posto médico local, nervosamente alegou desconhecer o assunto, mas para José Rui Santos, dono de uma peixaria, "essa fábrica é uma ameaça cada vez maior à nossa sobrevivência".